

Particularidades da transmissão radiojornalística do Carnaval carioca¹

Anderson Luiz Condor BALTAR²
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

A transmissão do Carnaval do Rio de Janeiro é uma das mais tradicionais modalidades de cobertura ao vivo do radiojornalismo brasileiro (Zuculoto, 2012). Por conta das características do evento e das condições de acomodação da imprensa, possui especificidades e desafios próprios. O objetivo deste artigo é lançar luz em relação às principais particularidades do trabalho dos radiojornalistas no Sambódromo carioca. Para isso, foi realizado um estudo de caso, com observação direta, aplicando conceitos de autores como Sanz (1999) e Ferraretto (2014) sobre o rádio ao vivo, comprovando a singularidade e relevância deste tipo de ofício jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE: rádio, radiojornalismo, carnaval, escolas de samba.

INTRODUÇÃO

O desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, desde sua primeira edição, em 1932, tem uma relação muito forte com o jornalismo. Afinal, o concurso, que na ocasião reuniu dezenove agrupamentos de sambistas dos morros e subúrbios cariocas, foi uma iniciativa do extinto jornal O Mundo Sportivo, dirigido por Mário Filho. Com o passar dos tempos, o evento transformou-se em uma das principais marcas culturais da cidade e do país e hoje é um espetáculo transmitido pela televisão para todo o mundo.

Engana-se quem acha que o rádio tem pouca importância neste processo. Segundo Zuculoto (2012), a primeira transmissão radiofônica jornalística não esportiva foi o Carnaval carioca de 1951. Nas décadas de 1970 e 1980, as emissoras de AM e FM foram fundamentais para a divulgação dos sambas-enredos das escolas, transformando-os em sucesso nacional (Baltar, 2022).

Ao longo das últimas décadas, várias emissoras de rádio cariocas se notabilizaram pelas suas atuações na cobertura dos desfiles carnavalescos. Em sua

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista (UFRJ), mestre e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFÁ/UFSC/CNPq). E-mail: andersonbaltar@gmail.com.

grande maioria, estações comerciais de perfil popular, nas frequências AM e FM, como as rádios Tupi, Globo, Tropical (esta, extinta), O Dia e Mania. Outra vertente importante foram as empresas públicas, como a Nacional e a Roquette Pinto. A partir da década de 2010, por conta da convergência midiática (Jenkins, 2009) e do florescimento das webrádios (Prata, 2009), despontaram órgãos segmentados como a Rádio Arquibancada.

Para levar ao público todas as informações sobre as noites de desfiles na Marquês de Sapucaí, os radiojornalistas fazem todo um planejamento de cobertura que considera as particularidades do local do evento e sua dinâmica. Afinal, as escolas de samba se apresentam em cortejo e é fundamental estar presente da forma mais eficiente possível ao longo da pista de desfiles.

O objetivo deste trabalho é lançar luz sobre o planejamento e execução desta modalidade de cobertura jornalística, apontando suas particularidades, desafios e entraves.

METODOLOGIA

Este trabalho é um estudo de caso, com observação direta por parte do pesquisador, já que o mesmo trabalha desde 2011 na cobertura radiofônica de Carnaval. Como afirma Duarte (2015), este método é indicado quando se pretende fazer o exame de eventos contemporâneos, em situações em que não se podem manipular comportamentos. O estudo de caso, ainda de acordo com a autora, tem como uma de suas principais finalidades a descrição de uma intervenção e o contexto de vida real em que a mesma ocorreu.

Já a observação direta é descrita pela autora como uma das principais fontes de dados para esta modalidade de pesquisa. O autor deste trabalho, além de ser coordenador de Jornalismo da Rádio Arquibancada, que cobre os desfiles da Sapucaí desde 2012, acompanha de perto as coberturas de outras tantas emissoras que marcam presença no Sambódromo, já que todos compartilham espaços em comum como as cabines de imprensa e outras áreas destinadas ao trabalho dos jornalistas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo parte de alguns conceitos fundamentais sobre a prática do radiojornalismo ao vivo e que podem ser observados durante a cobertura carnavalesca na Marquês de Sapucaí. Partimos de Sanz (1999), que conceitua a cobertura ao vivo de grandes eventos como uma empreitada desafiadora para uma emissora de rádio e que requer do profissional, dentre outras características, o sólido conhecimento do assunto em pauta, a ampla capacidade de improvisação e o domínio das técnicas interpretativas e vocais.

Ferraretto (2014) ressalta a importância da especialização. Um jornalista que já tenha uma vivência no universo onde desempenha seu trabalho garante uma maior qualidade à informação. “O repórter conhece o assunto e suas fontes. O material produzido torna-se mais preciso e aprofundado, daí a sua importância e necessidade” (Ferraretto, 2014, p. 202). Tendo o domínio do evento a ser transmitido, o repórter também desenvolve uma facilidade maior para o improviso, fundamental para a cobertura ao vivo. O autor também salienta que a maneira mais eficiente de apuração jornalística é a observação direta do local dos fatos. A presença do repórter permite um relato mais rico, com melhor descrição do ambiente e ações.

Importante também destacarmos a constituição do modelo de cobertura radiofônica do Carnaval carioca. Zuculoto (2012) afirma que, ao elaborar a transmissão pioneira da Rádio Continental, em 1951, seu coordenador, Carlos Palut, importou a estrutura de trabalho do rádio esportivo. E esta formatação permanece até hoje. Assim como os jogos de futebol, os radialistas de Carnaval se dividem, primordialmente, em narradores, comentaristas e repórteres, com total liberdade de improviso para descrever, *in loco*, todos os principais acontecimentos dos desfiles (Baltar, 2023).

PRINCIPAIS RESULTADOS

Como resultado, podemos afirmar que a cobertura radiojornalística de Carnaval possui uma dinâmica própria de planejamento e execução, apesar de possuir similaridade com outros modelos de transmissão, como o esportivo. Porém, pelas

características próprias do evento, os profissionais precisam criar estratégias específicas para poder passar ao público tudo que acontece nos desfiles do Sambódromo carioca.

Ao contrário dos radialistas esportivos, os profissionais do Carnaval não têm a possibilidade de visualização completa do “campo de jogo”. É humanamente impossível conseguir observar os 700 metros de extensão da pista de desfiles. Desta forma, é fundamental, para um relato mais preciso, ter repórteres e observadores em todos os pontos da avenida. Além disso, o olhar dos profissionais precisa ser mais atento e multifocal. Afinal, se em uma partida de futebol todos os olhos estão voltados para a bola, no desfile de uma escola de samba coexistem simultaneamente mais de 3 mil componentes, além de alegorias e outros aparatos visuais que são apresentados.

Um entrave importante vivido pelas coberturas carnavalescas está no fato de as cabines de rádio serem localizadas na área de concentração da Sapucaí - o que gera nos radialistas o recorrente comentário de que eles narram o jogo “diretamente do vestiário”. Ou seja, todo o relato é realizado de uma área onde não há a presença dos jurados e, portanto, as escolas não são avaliadas. Para mitigar essa limitação e poder levar ao público a informação com mais qualidade, as emissoras de rádio precisam ter um planejamento bastante eficaz, com o máximo possível de profissionais espalhados em vários pontos da pista.

Por fim, observamos o quanto é importante que o radiojornalista possua as características descritas na fundamentação teórica, a saber, o improviso e a especialização. Além de ter a capacidade de falar espontaneamente com fluência, o profissional precisa ter um sólido conhecimento dos bastidores e da organização de uma escola de samba e uma atenção redobrada para todos os possíveis imprevistos e percalços que possam ocorrer durante o desfile de uma escola de samba.

CONCLUSÃO

Por meio de toda a investigação, podemos concluir que a cobertura radiojornalística dos desfiles das escolas de samba, apesar de ter sido inspirada pelo modelo do rádio esportivo, possui uma dinâmica própria de planejamento, apuração e veiculação do conteúdo jornalístico, cumprindo um importante papel informativo para o público aficionado pelo desfile das escolas de samba. Pelas transmissões radiofônicas,

os desfiles são relatados com detalhes pelos repórteres e analisados pelos especialistas, disponibilizando aos ouvintes os detalhes do que as escolas apresentaram na avenida e o prognóstico de qual delas se sagrará campeã do Carnaval.

REFERÊNCIAS

BALTAR, Anderson Luiz Condor. Carnaval em ondas médias: o rádio e as escolas de samba do Rio de Janeiro na década de 1970. **Anais do XVIº Congresso das Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação**, 2022. Buenos Aires. XVI Congresso das Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação, 2022, Centro Cultural Kirchner.

BALTAR, Anderson Luiz Condor. **O radiojornalismo pede passagem**: a cobertura do desfile da Acadêmicos do Grande Rio no Carnaval 2022 pelas rádios Tupi, Roquette Pinto e Arquibancada. 154 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In; DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 8. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2015, p. 215-235.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

PRATA, Nair. **Webrádio**: novos gêneros, novas formas de interação. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2009.

SANZ, Luiz Alberto. **Dramaturgia da informação radiofônica**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar – a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.